

Poemas de Sándor Petőfi

*Petőfi Sándor
verseiből*

TRADUÇÃO
*Nelson Ascher
Ernesto Rodrigues
Airton Uchoa Neto*

INTRODUÇÃO
Nelson Ascher

RESPONSÁVEIS PELA EDIÇÃO
*Zsuzsanna László
Eszter Klára Dobos*
Consulado Geral da Hungria em São Paulo

*Köszönettel Pál Ferenc professor úrnak a kötet
összeállításában nyújtott segítségéért.*

Com agradecimento ao Professor Ferenc Pál
pela colaboração na edição deste volume

Com o apoio da Fundação pela Cultura Húngara
*With the support of the Foundation for Hungarian Culture
Támogatta a Magyar Kultúráért Alapítvány*



Editores | Marcelo Toledo e Valéria Toledo
Projeto Gráfico | KOPR Comunicação
Imagens | Retratos de Sándor Petőfi,
cedidos pelo Museu Literário Petőfi.

Köszönettel a Petőfi Irodalmi Múzeumnak a képek rendelkezésre bocsátásáért.

Com agradecimento ao Museu Literário Petőfi
pela cessão das imagens.

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 – Fone: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br

P492p Petőfi, Sándor (1823-1849)

Poemas de Sándor Petőfi / Sándor Petőfi. Tradução de Nelson Ascher, Ernesto Rodrigues e Airton Uchoa Neto. Introdução de Nelson Ascher. 1ª. ed.. São Paulo: Editora Madamu, 2023.

96 p., 11,5 x 20,5cm
Edição bilingue. Título original: *Petőfi Sándor verseiből*.
ISBN 978-65-86224-42-9

1. Poesia. 2. Hungria. 3. Romantismo. I. Título.

CDD: 890

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia. 2. Hungria. 3. Romantismo. I. Título.
890

Introdução, *Nelson Ascher* 9

POEMAS TRADUZIDOS POR NELSON ASCHER

<i>RÉSZEGSÉG A HAZÁÉRT</i>	22
Porre pela pátria	23
<i>APÁM MESTERSÉGE S AZ ENYÉM</i>	24
O ofício do meu pai e o meu	25
<i>FA LESZEK, HA</i>	26
Viro árvore se	27
<i>A BÁNAT?</i>	28
Tristeza	29
<i>EGY GONDOLAT BÁNT ENGEMET</i>	30
Um pensamento atroz	31
<i>SZABADSÁG, SZERELEM!</i>	34
Liberdade & amor	35
<i>NEMZETI DAL</i>	36
Canção nacional	37
<i>FÖLTÁMADOTT A TENGER</i>	40
O mar já despertou	41

POEMAS TRADUZIDOS POR ERNESTO RODRIGUES

<i>KI VAGYOK ÉN? NEM MONDOM MEG</i>	44
Quem sou eu? Ah, não, não digo	45

<i>ÉRIK A GABONA...</i>	46
O trigo madura...	47
<i>EGY ESTÉM OTTHON.</i>	48
Uma noite em casa...	49
<i>AZ UTÁNZÓKHOZ.</i>	54
Aos imitadores	55
<i>ETELKÉHEZ.</i>	56
A Etelka	57
<i>MI KÉK AZ ÉG!</i>	58
Que azul o céu!	59
<i>FA LESZEK, HA...</i>	60
Árvore serei...	61
<i>A NÉGYÖKRÖS SZEKÉR</i>	62
O carro de quatro bois.	63
<i>REMÉNY.</i>	66
Esperança.	67
<i>ELVÁNDOROL A MADÁR...</i>	68
O pássaro migra...	69
<i>ITT ÁLLOK A RÓNAKÖZÉPEN...</i>	70
Aqui estou, no meio da planura...	71
<i>OH LYÁNY! SZEMED...</i>	72
Oh, querida, teus olhos...	73
<i>MI A DICSŐSÉG?... </i>	74
A glória? Arco-íris de encanto...	75
<i>MULANDÓSÁG A KIRÁLYOK KIRÁLYA...</i>	76
É rei dos reis o efémero...	77
<i>SORS, NYISS NEKEM TÉRT...</i>	78
Sorte, dá-me espaço...	79
<i>RESZKET A BOKOR, MERT...</i>	80
Vibra silvado, porque...	81

<i>AZ ERDŐNEK MADARA VAN...</i>	82
O bosque pássaros tem...	83
<i>BESZÉL A FÁKKAL A BÚS ÓSZI SZÉL...</i>	84
Fala com as árvores o triste vento...	85
<i>MINEK NEVEZZELEK...</i>	88
Que nome dar-te...	89

POEMA TRADUZIDO POR AIRTON UCHOA NETO

<i>AZ APOSTOL (részlet)</i>	92
O Apóstolo (fragmento)	93

O POETA FAZ 200 ANOS

Nelson Ascher

Sándor Petőfi (1823-1849), cujo bicentenário se comemora este ano, foi um poeta e revolucionário húngaro da primeira metade do século XIX, que, no curso de uma vida rica, multifacetada, cheia de peripécias e engajamento sincero, escreveu poesia de alta qualidade em grande quantidade, foi logo reconhecido, ficou famoso, usou o prestígio para lutar pela liberdade nacional e, após uma morte heroica — aos 26 anos de idade! — fosse qual fosse o regime vigente, nunca mais deixou de ser venerado pelos compatriotas. Há, por todo o país, ruas, parques, praças e, sobre o Danúbio em Budapeste, uma ponte com seu nome. Crianças decoram seu poemas mais conhecidos e os idosos os repetem sem tropeço. Sua maioria ainda é tão compreensível como quando foi originalmente publicada enquanto os melhores continuam comovendo, divertindo, impressionando. Resumindo a história, ele é o poeta nacional da Hungria. Mas esta personagem — o poeta nacional — é algo menos óbvio e mais difícil de entender do que parece.

Trata-se, claro, de um conceito ligado a certas ideias de nação ou povo e, retrospectivamente, podemos dizer que o mítico Homero era o poeta nacional de um povo, o grego, enquanto o de Roma, uma nação, foi Virgílio, um poeta real e consciente de seu papel. Mais tarde, Dante assumiria este papel para os italianos e Camões para Portugal. Se a celebração patriótica de “Os Lusíadas” já em si justifica a entronização de seu autor, o caso da “Divina Comédia” é de natureza (aparentemente) diversa. Ela encarnou a nacionalidade italiana ao consolidar, como seu maior monumento, a língua na qual e pela qual uma população dividida (inclusive por seus inúmeros dialetos) já era potencialmente um único povo.

Shakespeare tornou-se o “Bardo” dos ingleses por motivos semelhantes. Basta lembrar que, num único verso de seu “King Henry V” — “We few, we happy few, we band of brothers” — ele criou duas expressões idiomáticas (Happy few & Band of brothers) que se incorporaram à língua e, mais de 400 anos depois, continuam a ser corriqueiramente usadas. Se houve, em todo caso, mais um poeta responsável não só pela maturação de sua língua, como pela fundação de toda uma literatura nacional, este foi Aleksandr Serguêievitch Púchkin (1799-1837), que antes de morrer aos 37 anos num duelo, transformou o russo, que, em termos literários, mal começara a balbuciar, num instrumento maduro e refinado, maleável e preciso. E ele o usou com desenvoltura para escrever os primeiros clássicos

do país, um dos quais, seu “Ievguêni Oniéguin”, é, ao mesmo tempo, o primeiro romance, primeiro poema narrativo e primeiro ciclo de sonetos da língua que legou, pronta para usar, a seus descendentes, Dostoiévski, Tolstói, Tchékhov.

Petőfi tem muito em comum com todos eles, mas estava também firmemente ancorado na sua singularidade histórica: era cidadão do seu tempo e lugar. A Hungria, como, aliás, a Polônia, a atual República Tcheca e a Sérvia, havia sido um reino medieval independente com uma rica e variada história até que a catastrófica derrota na batalha de Mohács (1526) a sujeitou primeiro ao Império Otomano e à Áustria e, em seguida, só a esta. Quanto à Polônia, esta foi repartida, no fim do século XVIII, entre Áustria, Prússia e Rússia; a Boêmia foi derrotada na Batalha da Montanha Branca, em 1620, pela Áustria; a Sérvia, por sua vez, foi derrotada pelos otomanos em 1389 na Batalha do Campo do Melro (*Kosovo Polje*).

Como no caso de Portugal durante o período em que pertenceu à coroa espanhola (e mesmo depois), a lembrança, não raro idealizada, de dias melhores, mais opulentos e gloriosos nunca abandonou os húngaros, nem os poloneses, tchecos, sérvios e outros. Esta lembrança, em cada caso, associava-se a uma língua — húngaro, polonês, tcheco, sérvio — que, até certo ponto, fora reduzida à condição de idioma subsidiário em relação à língua dos respectivos conquistadores, ou seja, das metrópoles (alemão, russo, turco) que era

geralmente a língua da administração, a língua franca das diversas etnias de tal ou qual império, bem como sua língua de cultura. A classe dominante (quase sempre a aristocracia) de cada nação subalterna ou dominada colaborava há gerações com as elites da potência dominante, quando já não havia entrado em simbiose com ela. Sua língua, até o século XIX, era a língua imperial e/ou alguma língua franca de sua classe, como o francês. Muitos de seus membros mal falavam ou nem sequer falavam sua língua nacional. Sua cultura era a alta cultura expressa nas “grandes” línguas das capitais, cuja elite julgava que as demais línguas de seus súditos, as línguas, por assim dizer, “menores”, não passavam de meros dialetos de camponeses analfabetos, toscos vasos de barro totalmente inadequados para conter os finos licores da prosa erudita e da poesia culta.

A revolução romântica da virada do século XIX, instaurando outra sensibilidade e visão de mundo bem como a redefinição do que seriam e como se relacionariam entre si civilização e natureza, trouxe também um novo interesse pelo passado em geral e o do próprio grupo (nação, etnia etc.) em particular, o que, no campo das letras, levou escritores, linguistas, historiadores a investigarem sistematicamente tanto as tradições orais do povo quanto o folclore e a cultura popular pré-industrial que começava a beirar a extinção. Essas investigações e o mundo descerrado pelo material resultante, incentivando o interesse de poetas cultos por formas e temas arcaicos e/ou popu-

lares, — como foi o caso célebre das “Lyrical Ballads” (1798) de Coleridge e Wordsworth — contribuíram decisivamente para uma transformação revolucionária na lírica ocidental.

Entre as várias mudanças que ocorreram neste processo, houve uma que, ampliando o público e alterando seu caráter, revelou-se particularmente importante: a adoção por muitos poetas de uma linguagem que, se não chegava ao coloquial, estava muito mais próxima daquela que o leitor comum falava e podia entender do que as convenções e a dicção poética dos duzentos anos precedentes. Esta mudança, porém, não ocorreu de forma uniforme em todo ocidente. Os países do norte da Europa, talvez porque já contassem com uma população razoavelmente alfabetizada, aderiram logo à linguagem mais popular na poesia. Russos, poloneses e outros eslavos também. O mesmo ocorreu com povos da Europa central e oriental que faziam parte dos grandes impérios. A exceção ficou por conta das nações mediterrâneas e das línguas neolatinas, que demoraram mais para escrever poesia em demótico (a língua popular). O caso do Brasil é ilustrativo: a linguagem de hipérbatos, circunlóquios e preciosismos do Hino Nacional (muito influenciada pelos maneirismos dos *libretti* contemporâneos da ópera italiana) marcou nossos românticos, parnasianos, não poucos simbolistas e só foi abandonada mesmo pelos modernistas.

Foi em 1848 que a vida e obra do poeta se amalgamaram uma com a outra e ambas com o destino

da Hungria formando uma liga que tem resistido às depredações do tempo e da história, aos caprichos dos gostos, à volubilidade das modas e às desorientações políticas e ideológicas. No dia 15 de março, o poeta e demais lideranças revolucionárias saíram pelas ruas da capital lendo às multidões que cresciam dois textos:

1. uma carta dirigida aos representantes locais do governo austríaco com 12 reivindicações, entre as quais fim da censura, liberdade de imprensa, igualdade civil e religiosa e liberdade para os presos políticos;
2. a “Canção Nacional” de Petőfi que, escrita dois dias antes, convocava os compatriotas à luta desde a primeira estrofe

*“Húngaros, avante! A Hungria!
chama-nos. — Chegou o dia!
Homens livres ou cativos:
que seremos? — Decidi-vos!
Juramos ao deus dos nossos
ancestrais
que não vamos ser escravos
nunca mais.”*

e se tornou o poema mais famoso tanto do poeta como de toda literatura húngara.

1848, convém lembrar, foi o ano das revoluções liberais europeias. Naquela época, liberal dizia respeito à liberdade não só dos indivíduos, mas também dos povos e nações. Boa parte das populações do continente

se encontrava submetida a algumas casas reais, como os Habsburgos e os Romanovs, ou, pior, ao império decadente dos Otomanos. O ano em questão abalou regimes conservadores e/ou impopulares de Paris a Berlim e de Viena a Budapeste sem, no entanto, derrubá-los.

Ao reformismo modernizante proposto décadas antes pelas alas liberais da nobreza, aliaram-se então massas mais populares, especialmente uma classe média urbana relativamente nova para a qual o estado nacional era uma promessa de autonomia. O entusiasmo dos novos contingentes transformou as reformas cautelosas da geração anterior numa impaciência revolucionária. Seu motor central foi uma nova consciência nacional difundida, no âmbito de cada idioma, sobretudo por mestres-escolas, jornalistas e escritores. O problema é que, na mescla etnolinguística dos impérios multinacionais, o nacionalismo recém-surgido foi manipulado pelos velhos poderes que, atirando-os uns contra os outros, conseguiram neutralizá-los e, afinal, sobreviver, mas não sem despertar, entre os povos subjugados, uma hostilidade mútua que marcaria a história do século seguinte.

Consciência nacional ou nacionalismo tornaram-se termos que não despertam grandes simpatias entre as elites intelectuais contemporâneas. Em meados do século 19, porém, eram a forma através da qual povos conquistados, ocupados, colonizados reivindicavam maior participação nas decisões que lhes diziam respeito. Durante o século seguinte, o

mesmo sentimento tornou-se sinônimo de etnocentrismo reacionário, algo que está obviamente longe de contar toda a história e de qualificar todos os seus desdobramentos, ainda mais porque as variantes mais teratológicas do estado nacional foram extirpadas por nações de outros tipos.

Foi, portanto, naquele 15 de março de 1848 que o atrito entre a Hungria e os Habsburgos que a dominavam havia séculos se converteu numa insurreição. Inspiradas, por um lado, pelas exigências de líderes como Lajos Kossuth (uma Constituição, um Exército nacional etc.) e, por outro, valendo-se do enfraquecimento temporário do poder em Viena, a população da capital húngara principiou uma insurreição que só seria derrotada no ano seguinte com o auxílio das tropas russas que, no contexto da Santa Aliança, o tsar enviaria para socorrer seu parceiro autocrático.

A revolução de 1848-49 foi, para os padrões da época, uma batalha épica e apocalíptica da qual participaram inclusive generais poloneses experimentados nas lutas contra a opressão da Rússia tsarista. Tratou-se também de um episódio alimentado pela/e gerador de grande literatura. O renascimento literário da língua húngara coincide, como em muito da Europa Central, com o romantismo e, durante as décadas que antecederam a revolução, escritores e, principalmente poetas, modernizaram e refinaram seu instrumento, de modo a torná-lo vigoroso e acessível a um nascente público leitor.

O poeta nacional da Hungria pertence à segunda onda desse movimento. Se a primeira cantou as glórias ancestrais reais ou legendárias do país, a sua, até por causa de origens humildes, dirigiu a atenção a temas realistas, à estagnação do país, à miséria e falta de perspectivas de seus habitantes. A carreira de Petőfi foi tão breve quanto opulenta e nisso ele se assemelha a antecessores ou contemporâneos que, de Keats e Shelley a Púchkin e Liérmontov, parecem ter nascido maduros e produziram, num prazo exíguo, obras imensas.

Filho de um açougueiro de aldeia, ele foi batizado com o sobrenome eslovaco da sua família: Petrovics. Seu nome, Sándor, é a forma húngara de Alexandre, e Petrovics, que quer dizer “filho de Pedro”, ele deixou de lado aos 19 anos, adotando sua húngarização: Sándor Petőfi. Depois de uma infância às vezes pobre mas não miserável, às vezes nem tanto, o poeta circulou pelo país, estudou autores como Victor Hugo e Heinrich Heine, dedicou-se ao teatro em várias funções (traduziu o “Coriolano” de Shakespeare) e, já conhecido por seus versos e tendo publicado na imprensa, fixou-se finalmente na capital como editor de uma revista. A publicação, em 1845, de sua breve epopeia joco-séria e folclórica, “János Vitéz” (João Valente), fez dele uma celebridade imediata, e Petőfi não tardou em lançar mão de tal prestígio para propagar suas ideias rebeldes através de poemas, manifestos etc.

Ao contrário da maioria dos intelectuais politizados, tão logo se iniciaram as hostilidades, o poeta

engajou-se diretamente na luta, foi ajudante-de-ordens, intérprete e amigo do grande general polonês Józef Bem e, até onde se sabe, desapareceu na batalha de Segesvár/ Sighișoara, (31 de julho de 1849) na Transilvânia contra as tropas do tsar, que esmagaram a insurreição húngara. Seu corpo nunca foi encontrado, e persistiram por muito tempo especulações e lendas segundo as quais ele teria sido capturado pelos russos e morrido anos mais tarde em cativeiro na Sibéria.

Sua obra, no entanto, sobreviveu e nos fala vividamente de uma época mais similar à nossa do que gostaríamos de imaginar, uma época em que pequenas ilhas de liberdade eram o tempo todo cercadas e atacadas pelas armadas e pelas forças armadas da tirania. Em nossa época, na qual até mesmo liberdades que já vigoravam nos dias de nossos avós estão sendo corroídas, deformadas ou simplesmente confiscadas, enquanto outras, reivindicadas desde 1848 ou antes, já não são nem mais cogitadas, não nos falta o que aprender com o poeta húngaro e seus contemporâneos. Afinal, nem reveses de todo tipo nem derrotas, que não foram poucas, desanimaram os grandes autores românticos, que continuaram a se superar na poesia e a exigir as liberdades básicas para si, para sua arte e para seu povo, pois, como escreveu Petőfi numa carta a seu amigo, o poeta János Arany: “Se o povo reinar na poesia, estará perto de reinar na

política também — e esta é a missão do nosso século...” (*Ha a nép uralkodni fog a költészetben, közel áll ahhoz, hogy a politikában is uralkodjék, s ez a század föladata...*).

(São Paulo, Maio de 2023)



POEMAS DE SÁNDOR PETŐFI
Petőfi Sándor verseiből

RÉSZEGSÉG A HAZÁÉRT

F IUK, az isten áldjon meg,
Én is iszom, igyatok!
Én nem nézhetek vidámon
Végig elhagyott hazámon,
Csak mikor részeg vagyok!

*Ekkor úgy látom hazámat,
Amint kéne lennie;
Mindenik pohár, amelynek
Habjai belém ömölnek,
Egy sebét hegeszti be.*

*S ha, mig részeg vagyok: boldog
Volna a hon csakugyan,
Bár örökké kéne élnem,
Fiuk, nem láthatna éngem
Soha senki józanán.*

Pest, 1844. december

TRADUÇÕES DE NELSON ASCHER

PORRE PELA PÁTRIA

Rapazes, Deus os benza. Bebam!
Eu também bebo. Ocorre
que, ao ver tão desolada a Hungria,
torna-se fel minha alegria,
se não estou de porre.

*Bêbado, enxergo a pátria tal
qual deveria ser,
pois cada taça que, cingida
de espuma, entorno com prazer
lhe fecha uma ferida.*

*Mas se quem exultasse, quando
me embriago, fosse a Hungria,
nem se eu vivesse eternamente,
juro que sóbrio, minha gente,
ninguém mais me veria.*

Pest, dezembro de 1844